

Mailson prevê desaceleração da economia

Ex-ministro diz que haverá mudança no comportamento dos investidores, com reflexos na atividade econômica do país

São Paulo — A economia brasileira não ficará imune aos efeitos da crise nas bolsas de valores, segundo análise do ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega. É quase certo que haverá queda no nível da atividade econômica, acredita ele. Quando a queda nas cotações é generalizada, não há quase ganhadores. A maioria perde, o que leva a uma mudança de comportamento dos investidores, que adiam planos e investimentos.

Mailson disse ser difícil precisar as dimensões da queda do nível de atividade econômica que deverá resultar desse episódio, mas está certo de que muitas pessoas perderam riquezas e, por isso, vão conter despesas, numa reação natural. Isso atinge até mesmo aqueles investidores que, num gesto de otimismo, compraram ações da Telebrás, quando atingiram o valor mais baixo, em torno de R\$ 90,00. Eles obtiveram um ganho de até 50%, mas isso se estiverem decididos a realizar lucros, o que não deverá ocorrer, uma vez que a previsão é de valorização ainda maior.

Os investidores tenderão a se tornar mais conservadores nos gastos e isso atinge até as instituições financeiras. A desconfiança no mercado financeiro deve aumentar. A maioria deverá manter-se vigilante para verificar quem ganhou e quem perdeu e está com a liquidez abalada. Mailson disse que a autoridade monetária terá de monitorar esse momento de transição para a estabilidade do mercado de ações. "Crises violentas como essa provocam empobrecimento de liquidez, o que deverá gerar uma paralisia temporária nos departamentos de créditos dos bancos."

De tudo isso, sobra ao menos a advertência de que é preciso ajustar as contas públicas para tornar a economia menos vulnerável aos efeitos das crises externas, afirmou

o presidente da Ordem dos Economistas, Ibrahim João Elias. O Brasil desfruta de condições relativamente confortáveis, mas há um déficit persistente na balança comercial e no orçamento que precisa ser corrigido, afirma Elias. "São fatores preocupantes, não desesperadores, mas que a médio prazo poderão comprometer a saúde da economia."

IRRACIONAL

O deputado Roberto Campos (PPB-RJ), ex-ministro do Planejamento, disse ontem que a crise financeira no mundo não deve ser de longo prazo. Evitou, porém, ser taxativo. "É difícil prever com certeza quanto tempo vai durar", declarou. Para o deputado, a esperança é de que a queda nas bolsas tenha sido apenas um "sacolejo bastante forte". "Não deve ser de grande duração, pois não há razão para a Bolsa de Nova York cair nessa proporção".

Classificando o fenômeno de "irracional", o ex-ministro disse que se esperava que houvesse um "reajuste técnico" nas bolsas, mas não com esta dimensão. "A extensão do reajuste foi além dos limites". "Já se previa um reajuste técnico pelo fato da quase anormalidade de crescimento contínuo da cotação nas bolsas há dez anos, desde a crise de 1987."

Segundo ele, o fenômeno foi inesperado pelo fato de o "epicentro" da crise ter sido em Hong Kong. "Era previsto que houvesse problemas nas bolsas da Malásia, Tailândia e Indonésia." "Os países enfrentavam problemas resultantes do esmorecimento das exportações, da debilidade do sistema bancário e do boom imobiliário, mas isto não explica o caso de Hong Kong." O deputado afirmou que em Hong Kong não há razão para esta vertiginosa baixa nas ações.

Carlos Moura 11.3.94



Alerta: Mailson diz que a crise poderá colaborar para a paralisia nos departamentos de créditos dos bancos

